

JOSÉ MARÍA HERNÁNDEZ DÍAZ (ED.)

PRENSA PEDAGÓGICA Y PATRIMONIO HISTÓRICO EDUCATIVO



Ediciones Universidad
Salamanca

AQUILAFUENTE, 195

©
Ediciones Universidad de Salamanca
y los autores

1ª edición: septiembre, 2013
ISBN: 978-84-9012-329-4
Depósito legal: S. 385-2013

Ediciones Universidad de Salamanca
Plaza San Benito, s/n
E-37002 Salamanca (España)
<http://www.eusal.es>
eus@usal.es

Impreso en España-Printed in Spain

Edición a cargo de José Luis Hernández Huerta

Maquetación:
INTERGRAF
Impresión y encuadernación:
Imprenta KADMOS
Teléfono: 923 28 12 39
Salamanca (España)

*Todos los derechos reservados.
Ni la totalidad ni parte de este libro
puede reproducirse ni transmitirse sin permiso escrito de
Ediciones Universidad de Salamanca.*



CEP. Servicio de Bibliotecas

Texto (visual) : sin mediación

PRENSA pedagógica y patrimonio histórico educativo :
contribuciones desde la Europa mediterránea e Iberoamérica /
José María Hernández Díaz (ed.).—1a. ed.—Salamanca :
Ediciones Universidad de Salamanca, 2013

434 p.—(Colección Aquilafuente ; 195)

Textos en español, portugués e italiano
1. Prensa pedagógica-Europa meridional-Historia.
2. Prensa pedagógica-América Latina-Historia. I. Hernández Díaz, José María.

070:37(4-13)(091)
070:37(72/729)(8)(091)

<i>El Magisterio Gallego</i> y la cuestión educacional a finales del siglo XIX en Santiago de Compostela.....	123
<i>Francisco Collantes Carollo</i>	
A <i>Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos</i> e a discussão sobre as medidas de avaliação da qualidade da educação no Brasil.....	131
<i>Berenice Corsetti</i>	
Imprensa pedagógica de Coimbra no início do século XX.....	141
<i>Aires Diniz</i>	
A revista <i>Scientia et Virtus</i> : patrimonio histórico do Seminário Sagrado Coração de Jesus de Aracaju/Se/Brasil	153
<i>Raylane Andreza Dias Navarro Barreto y Patricia Sousa de Nunes Silva</i>	
La prensa pedagógica de la inspección educativa	165
<i>Santiago Esteban Frades</i>	
Reflexiones didácticas sobre el uso de la prensa en clase de español lengua extranjera (ELE) en Gabón	177
<i>Eugénie Eyeang y Marcelle Ibinga</i>	
Prensa ilustrada, formación religiosa y educación en Mallorca: la revista <i>Lluch</i> (1921-1961).....	187
<i>Llorenç Gelabert Gual y Xavier Motilla Salas</i>	
A produção da infância na imprensa de educação e ensino durante a Primeira República em Portugal: <i>A Tutoria. Revista Mensal Defensora da Infância</i> (1912-1916).....	197
<i>António Gomes Ferreira y Luís Mota</i>	
<i>Boletim da Liga de Instrução de Viana do Castelo</i>	209
<i>António José Gonçalves Barroso</i>	
El <i>Diario Escolar de Baleares</i> : valor patrimonial e historiográfico de un suplemento dominical de la prensa ordinaria	223
<i>Sara González Gómez y Francisca Comas Rubí</i>	
Educación como tema: prensa pedagógica y la recuperación de la sociedad civil en el ámbito local	235
<i>Tamar Groves</i>	

La prensa pedagógica: eje para la construcción de un museo pedagógico e instrumento metodológico en la enseñanza universitaria.....	375
<i>Luis Miguel Sáez Castro y Antonio Sánchez Cañadas</i>	
La educación femenina en la revista <i>Mujeres Libres</i>	385
<i>Laura Sánchez Blanco y José Luis Hernández Huerta</i>	
A imprensa pedagógica e o feminismo no século XIX: Nísia Floresta e a educação das mulheres no Brasil.....	397
<i>Elizabeth Maria da Silva y Allene Lage</i>	
Sindicalismo docente y renovación pedagógica: la revista <i>Pissarra</i>	405
<i>Bernat Sureda García y Gabriel Barceló Bauzá</i>	
O <i>Jornal da Associação dos Professores</i> : o espalhar dos discursos dos docentes na imprensa (1856-1862).....	413
<i>José Viegas Brás y Maria Neves Gonçalves</i>	
A modernidade pedagógica no discurso médico do século XIX no Brasil: uma análise da Revista <i>Gazeta Médica da Bahia</i> (1866-1920)	427
<i>Dislane Zerbinatti Moraes</i>	

A REVISTA *SCIENTIA ET VIRTUS*: PATRIMONIO HISTÓRICO DO SEMINÁRIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS DE ARACAJU/SE/BRASIL

RAYLANE ANDREZA DIAS NAVARRO BARRETO
Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Brasil
Correio-e: raylane_navarro@unit.br

PATRÍCIA SOUSA DE NUNES SILVA
Instituto Federal de Sergipe. Brasil
Correio-e: patriciasnsilva@hotmail.com

Com a proclamação da República brasileira em 1889, houve o processo de laicização do Estado. A partir do decreto 119-A de 1890 os poderes do Estado estavam dissociados dos poderes da Igreja. Assim sendo, teoricamente, o Estado não mais contava com a legitimização de suas ações por parte da Igreja e esta por sua vez, não mais dispunha das subvenções estatais para suas obras. Nesse período a Igreja assumiu uma política expansionista de «estadualização» que, no entender de Miceli¹, «[...] contribuiu tanto para o estreitamento dos vínculos entre os bispos e o Vaticano como para o acirramento da concorrência entre os próprios prelados». Apesar de que para ele, o

[...] referido processo de estadualização converteu a Igreja em espaço de encenação das solenidades de legitimação e ostentação do poder oligárquico, quer por ocasião das festividades (dia do(a) padroeiro(a), procissões, 'te-deums', etc.) inscritas no calendário religioso, quer através de rituais de serviço com o timbre eclesialístico (batizados, casamentos, enterros, posses, formaturas, jubileus, etc.).

Segundo Baia Horta², a «[...] Igreja aceitou, pouco a pouco, o novo regime e, de certo modo, tirou proveito dele», quando utilizou-se da situação para «[...] reestruturar com mais liberdade os seus quadros e estreitar as suas ligações com Roma». Sob esse ponto de vista, pode-se assegurar que a Igreja adotou definitivamente os ideais

¹ MICELI, Sérgio: *A elite eclesialística no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil S.A., 1988, p. 22.

² HORTA, José Silvério Baia: *O hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1994, p. 93.

ultramontanos. Na visão de Riolando Azzi³, os ultramontanos defendiam a soberania da autoridade espiritual sobre o poder político, da fé sobre a ciência e da Igreja sobre a sociedade moderna laicizada. Seguindo a política de estadualização desses ideais foi que, de 1890 a 1930, foram criadas no país 56 dioceses, 18 prelazias e 3 prefeituras apostólicas para as quais foram designados 100 bispos, cabendo, respectivamente ao conjunto dos Estados nordestinos, a São Paulo e a Minas Gerais, os percentuais mais elevados no reparte de circunscrições e prelados. Se até 1890 só existiam 13 dioceses distribuídas em 10 províncias e nove capitais, em 1930, todos os Estados brasileiros possuíam suas dioceses según Miceli.

O que se queria com tal expansão era o conseqüente crescimento do aparato eclesiástico, pois pode-se perceber com esse «impulso», dado pela Igreja, que o seu verdadeiro problema, era a perda de influência, sobretudo no campo ideológico. Vale registrar que de 1842 a 1890, ou seja, num período de 36, anos não foi criada nenhuma diocese. Seguindo a mesma linha, Andrade Junior afirma ser a criação da Diocese de Aracaju fruto do projeto de «romanização» da Igreja Católica. Para ele, «tal ação vinculou-se ao intuito expansionista da Igreja no Nordeste, visando à constituição de um amparo burocrático homogêneo, capaz de destituir o capital religioso do laicato e a tentativa de monopolizar o controle do campo pelos especialistas»⁴.

Se for levado em consideração que, com a separação do Estado, a Igreja não mais tinha quem a subsidiasse e que, uma vez o Estado permitindo, as pessoas tinham a liberdade de culto e que por conta disso, houve uma parcela considerável de fieis que aderiu ao protestantismo, ao espiritismo e aos ideais maçons, fica evidente a perda de espaços da Igreja Católica. Sobre a apatia do clero e essa conseqüente perda de espaços, o padre Júlio Maria, intelectual católico, afirma:

Quanto à democracia, não aceitamos ainda os ensinamentos do papa. Não, a Igreja brasileira não aceitou ainda praticamente os ensinamentos do papa. O clero vive separado do povo. Quase que o povo não o conhece. O clero contenta-se com uma certa aristocracia de devotos. Quase a sua aspiração se reduz em ver os templos bem enfeitados, o coro bem ensaiado, e, no meio das luzes e flores, os paramentos reluzentes. Toda a atividade do clero quase que se resume o nisto – festas para os vivos, pompas fúnebres para os mortos⁵.

A essa altura era urgente a mudança de tática da Igreja. Se continuasse enclausurada em seus santuários, sem ouvir as reivindicações populares, o destino era o do esquecimento. Foi por conta disso que fizeram do Concílio de Trento e do Tomismo

³ AZZI, Riolando: *O catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos*. Col. Cadernos de Teologia Pastoral, n.º 11. Petrópolis, Vozes, 1978, p. 11.

⁴ ANDRADE JÚNIOR, Pericles Morais de: *Sob o olhar diligente do Pastor: a igreja católica em Sergipe (1831-1926)*. 2000. Dissertação. (Mestrado em Sociologia) Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2000, p. 89.

⁵ MARIA, Julio: *O Catolicismo no Brasil*. Rio de Janeiro, 1950, pp. 250-251.

(doutrina de São Thomaz de Aquino) bandeiras de luta em prol da recuperação da influência das ideias católicas.

Na visão de Júlio Maria, o que faltava à própria Igreja e ao povo era o ensino. Para ele,

O ensino, eis o grande remédio, a grande necessidade do momento atual. Os novenários, as devoções, as festas, feitas com os devidos requisitos, são uma coisa boa; mas o principal, o essencial, a coisa boa por excelência, a maior de todas as obras da caridade paroquial é ensinar os ignorantes. A ignorância da religião, eis o inimigo. A doutrinação, eis a grande arma apostólica.

Some-se ao isolamento o fato de que apesar da sociedade brasileira ser eminentemente católica, houve uma perda significativa não só de fiéis, mas, sobretudo de credibilidade, haja vista que uma parcela considerável do clero era mal vista, principalmente pelo seu «desregramento»⁶. Sob essa perspectiva, é possível afirmar que, dentre outros elementos, a laicização, a perda dos fiéis para outras correntes religiosas e a perda de credibilidade que a Igreja estava passando, foram motivos para que esta lançasse mão de algumas estratégias para a retomada do seu campo.

A criação da Diocese de Sergipe é uma representação desse pensamento. Até o ano de 1911, as paróquias de Sergipe estavam vinculadas à Arquidiocese de São Salvador, do Estado da Bahia. Como o intuito era o de ampliação dos domínios da Igreja, Sergipe foi mais um Estado a ser contemplado com uma Diocese e conseqüentemente com o que ela representava. Instalada no dia 4 de dezembro de 1911, a nova Diocese tinha como área de atuação todo o Estado de Sergipe, que, à época, compreendia 34 paróquias. Para administrar a Diocese foi eleito bispo o norte-riograndense, Monsenhor José Thomas Gomes da Silva. Seu desígnio seria não só aumentar o número de clérigos, mas formar um clero novo, desprovido de vícios e comprometido com a nova imagem que a Igreja buscava. O que a Igreja propunha era ampliar sua área de atuação, com o intuito de manter-se como a única religião e, conseqüentemente, como único mentor intelectual. Para tanto, era preciso a construção de um novo *habitus*, pois, só assim, seria possível a construção de um campo religioso cuja principal característica era a disciplina.

A Igreja perseguia o propósito de estabelecer-se não só como instituição religiosa, que cuida da alma e do espírito de seus fiéis, mas do magistério moral e ideológico. A atuação, nesse sentido, pode ser detectada na circular *Pastoral Coletiva*, do episcopado das províncias eclesiásticas setentrionais do Brasil, assinado pelo arcebispo metropolitano de S. Salvador da Bahia, Primaz do Brasil, os arcebispos metropolitanos de Belém do Pará e Olinda e os bispos das três províncias setentrionais do Brasil. A circular apresentava ao clero e aos fiéis das mesmas províncias, o resultado das confe-

⁶ LONDONO, Fernando Torres: «Paróquia e comunidade na representação do Sagrado na Colônia». In *Paróquia e comunidade no Brasil: perspectiva histórica*. São Paulo, Paulus, 1997.

rências realizadas na cidade de Fortaleza, em julho de 1911, o qual mostra que, «[...] onde quer que se começa a desconhecer a autoridade do magistério infalível da Igreja docente, quer no seu conjuncto, quer no seu Chefe visível, o Romano Pontífice, ahi começa a dúvida, e apoz a dúvida, a diversidade da crença, ou melhor, de descrenças, até se chegar ao puro racionalismo, que dá, como única regra de crer e de proceder, a razão individual»⁷.

Havia, por parte da Igreja, uma preocupação latente com sua imagem, principalmente porque dependia dela a sua legitimação enquanto instituição moral. Para a Igreja, a dúvida, com relação ao seu corpo hierárquico e, conseqüentemente, com a sua conduta, deveria ser dirimida o quanto antes, pois, para ela, o primeiro passo para o sucesso de suas metas estava atrelado ao conceito que dela se fazia. Nesse sentido, Dom José foi um colaborador imaculável e perspicaz, assim como outros bispos, haja vista que o

[...] principal elemento das práticas político administrativas dos prelados brasileiros da época diz respeito ao programa básico de empreendimentos e iniciativas que se empenharam em implantar nas dioceses. Os integrantes dessa nova geração de prelados brasileiros sentiam-se eles mesmos, em maior ou menor medida fundamentalmente engajados no compromisso de encetar um programa mínimo de realizações. Esse projeto-padrão de investimentos incluía a edificação do palácio episcopal, a criação do seminário diocesano, a construção ou reforma da catedral, a fundação de estabelecimentos de ensino e de jornais e/ou periódicos, a cada uma dessas instituições correspondendo as principais frentes de atuação da organização eclesiástica conforme os conteúdos dominantes que definiam a contribuição da Igreja ao trabalho político e cultural⁸.

Na diocese de Aracaju, Dom José não só buscou construir um corpo eclesiástico disciplinado, como utilizou seu poder episcopal para combater as outras crenças que não as suas. Além de ter, na figura do governador do Estado, à época o general José de Siqueira Menezes, um aliado na sua empreitada, qual seja, estabelecer-se enquanto instituição religiosa, moral e ideológica. Dom José chegou a Aracaju no dia 04 de dezembro de 1911. Já no dia 6 de dezembro, Dom José, como ficou conhecido, começou a organizar sua diocese, nomeando os padres para os cargos que estavam sendo criados por conta da nova diocese. Outras medidas foram tomadas para aparelhar a Diocese, a exemplo da criação do boletim *A Diocese de Aracaju: Organ oficial da Diocese de Aracaju* que foi utilizado pelo bispo para comunicar-se com as paróquias, editar os atos do bispado e para fixar o pensamento da Igreja em Sergipe. Seu primeiro número circulou em janeiro de 1912 e continha uma carta do Mons. Manuel Raymundo de Melo, vigário geral da Diocese definindo os objetivos da publicação, ou seja, reunir «[...] todos os atos da administração diocesana [e recolher] igualmente

⁷ DIOCESE DE ARACAJU: *Jornal A Cruzada*. 1912-1947, p. 163.

⁸ MICELI, Sérgio: *A elite eclesiástica no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil S.A., 1988, pp. 141-142.

em seu registro os documentos de aquisição, pertinentes aos direitos da mesma diocese» (carta de Manoel Raymundo de melo apud Diocese de Aracaju..., 1912)⁹.

Dom José, além de organizar o clero existente, segundo os padrões da nova Diocese, e fundar o boletim oficial, criou paróquias e constituiu uma comissão para angariar fundos para a construção de um seminário. A obtenção de patrimônio, por parte de Dom José, contou com a lei estadual n.º 534, de 18 de novembro de 1907, votada ao tempo do presidente Guilherme de Campos, irmão do Monsenhor Olímpio Campos, Senador por Sergipe, que garantia uma quantia de cem mil réis (100\$000) para a construção do palácio episcopal.

A criação de seminários, como estratégia de manutenção e da hegemonia da Igreja, começou com o Concílio de Trento (1545-1563), que condenou a doutrina dos reformistas luteranos. Segundo a Carta Apostólica *Summi Dei Verbum*¹⁰, os motivos da instituição dos Seminaristas se deu com a intenção de abolir «[...] a malícia do mundo, a qual se ia sempre mais estendendo também à classe eclesiástica, e pelo espírito pagão que ia renascendo nas escolas onde era educada a juventude, que inculcaram-se inadequadas as precedentes normas ditadas pela Igreja para o preparo dos futuros sacerdotes» (*Summi dei verbum*, 1964, p. 04).

O Seminário criado em Sergipe representa essa estratégia de renovação. Criado em 1913, por Dom José Thomas Gomes da Silva, e, segundo Andrade Júnior¹¹, o Seminário Diocesano, assim como os retiros espirituais e as conferências eclesiásticas foram «[...] instrumentos utilizados pelos agentes reformadores para domínio do campo religioso em Sergipe». Embora o que aconteceu em Sergipe também tenha acontecido nos outros Estados, ou seja, a instalação da Diocese e do Seminário, peculiaridades pertinentes a cada local precisam da devida atenção.

Por certo o nascimento do Seminário, em 1913, não representou uma massificação positiva da imagem do sacerdote. O isolamento, acompanhado da disciplina, é que foram, ao contrário do que já existia, a grande ação desta instituição. Segundo Foucault, saber e poder estão intrinsecamente ligados. Não há poder sem um campo de saber. Sob esse ponto de vista, a Igreja utilizou-se do espaço do Seminário para, através da disciplina, construir um saber que seria utilizado na forma de poder, quando o sacerdote estivesse fora da instituição, exercendo o sacerdócio. Ou seja, através do saber, a Igreja continuaria ou voltaria a exercer o poder.

⁹ DIOCESE DE ARACAJU: *Jornal A Cruzada*. 1912-1947.

¹⁰ Trata-se de um documento pontifício (Paulo VI) sobre os seminários, contendo 31 páginas, editado no Brasil pela Editora Vozes, a mando de D. Manuel Pedro da Cunha Cintra, bispo de Petrópolis e do Frei Walter Warnke, OFM, em 03 de fevereiro de 1964.

¹¹ ANDRADE JÚNIOR, Pericles Moraes de: *Sob o olhar diligente do Pastor: a igreja católica em Sergipe (1831-1926)*. 2000. Dissertação. (Mestrado em Sociologia) Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2000, p. 73.

No Seminário de Sergipe, assim que chegava o aluno entregava sua batina para que fosse benta. Não necessariamente no mesmo dia, o seminarista recebia sua batina de volta, como o único traje que iria usar dali por diante. A partir daquele momento, era um aprendiz de sacerdote. Teria que apreender todas as regras que regiam não só aquele estabelecimento, mas a vida do sacerdote. Para isso, eles recebiam, assim que entravam no Seminário, o estatuto da casa, no qual estavam escritas todas as normas a serem cumpridas. Em 1918 e por sucessivos 5 anos, o Cônego Adalberto Sobral ficou à frente da Instituição e ficou conhecido, sobretudo, pela disciplina e pelas iniciativas. Foi dele a ideia da confecção do jornal do Seminário e foi dele também a ideia da construção de uma Academia Literária dos seminaristas. Iniciativas como estas deram um novo impulso às práticas cotidianas do Seminário. Se o Seminário até então não dava espaços para a socialização e para a livre iniciativa, depois do jornal e, especialmente da Academia, a produção intelectual não só começou a florescer como a dar frutos. Exemplo disso é a Revista *Scientia et Virtus* criada com os artigos dos seminaristas, membros da Academia Literária São Tomás de Aquino.

1. A ACADEMIA LITERÁRIA SÃO TOMÁS DE AQUINO: ESPAÇO DE PROJEÇÃO INTELECTUAL

A ALSTA foi criada e mantida pelos seminaristas e tinha, como objetivo fundamental, «[...] fomentar o gosto pela literatura, pelas ciências e pelas artes»¹². A ela deram o nome de «Academia Literária São Tomás de Aquino», considerado pelos seminaristas «o mais sábio dos Santos e o mais garoto dos sábios»¹³. A ideia inicial foi abraçada por um grupo de seminaristas maiores que a inauguraram no dia 20 de abril de 1919. A organização, porém, ficou a cargo do Seminarista José Augusto da Rocha Lima que elaborou seu regimento, primeiro passo na construção da Academia que se tornara a mais importante marca da formação dada pelo Seminário Sagrado Coração de Jesus. Segundo o regimento, todo acadêmico eleito deveria fazer seu discurso de posse tratando ou sobre pontos da Filosofia ou da Teologia. A coordenação diretiva da Academia, por sua vez, ficou sendo composta de um presidente, de um vice-presidente, de dois secretários, de um tesoureiro e de um bibliotecário. Sendo que a Academia tinha um diretor de honra que era a pessoa do reitor. De 1919 a 1931, período em que funcionou a Academia, várias foram as diretorias e os diretores de honra. A mudança de direção era anual e precedida por uma eleição secreta, presidida pelo reitor do Seminário.

Existiam três tipos de seções: a solene, a ordinária e a extraordinária. A primeira, que tinha a participação não só dos acadêmicos mais dos professores, do bispo, de padres de várias paróquias, dos familiares dos seminaristas e que era alusiva aos grandes

¹² ACADEMIA LITERÁRIA SÃO TOMÁS DE AQUINO: *Revista Scientia Et Virtus*: Coletânea Litero-apologética pela Academia São Tomás de Aquino do Seminário Coração de Jesus. Aracaju, Tipografia Comercial, 1933, 184 pp. Vid. p. 96.

¹³ SEMINÁRIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS: *Livro de Atas da Academia Literária São Tomás de Aquino (1919-1932)*. Aracaju/Se, p. 96.

nomes do Seminário, como o dia de São Tomás de Aquino, padroeiro da divisão dos maiores; de São Luiz Gonzaga, padroeiro da divisão dos menores; do Sagrado Coração de Jesus, patrono do Seminário; do natalício dos membros do corpo diretivo do Seminário, como também do recebimento de alguma visita ilustre, das festas cívicas, a exemplo do dia da independência brasileira, da independência de Sergipe, e das festas religiosas como o dia da padroeira do Brasil e a de Aracaju, dentre outros.

A segunda seção, ou seja, a seção ordinária era só para os membros da Academia e, quando muito, contava com a participação do diretor/presidente de honra, o reitor. Já as sessões extraordinárias aconteciam quandourgia resolver algum problema, geralmente relacionado à biblioteca do Seminário que ficava sob a responsabilidade da Academia. As seções ordinárias, por sua vez, eram dedicadas ao estudo. Como a ideia era a de produzir discursos, artigos foi então lançada a proposta, já no ano de 1919, de uma Poliantéa, contendo as obras que eles iriam produzir no decorrer do ano. A ideia, porém, perdurou por vários anos, mas não fora concretizada por falta de dinheiro para sua publicação. Aos seminaristas, porém foi aconselhado publicar seus trabalhos no jornal *A Cruzada*. O estudo do esperanto também foi outra ideia que seguiu o mesmo destino.

A não execução de tais projetos, porém, não desestimulou a função da Academia que era a da retórica. Exemplo disso é que, em todas as seções ordinárias, era lido o livro *A arte de escrever*, obra literária de Antonio Albalat, traduzido por Cândido de Figueiredo. Era lida também a obra *A formação do estilo*, cujo autor não foi identificado. A Academia foi incumbida de tomar conta da biblioteca do Seminário. Como as obras eram escassas, os seminaristas resolveram ofertar livros, a exemplo de *À margem da História*, de Euclides da Cunha, *Église et patrie*, *Ephemerides metodológicas da cidade de Cuyabá e datas hiato-grossenses*, bem como fazer a assinatura do jornal *A Cruzada* e da revista *Santa Cruz*, dentre outros. Doações também eram feitas por fiéis que ofertavam cursos completos de música e de piano¹⁴.

Tal atitude demonstra um pouco do ambiente cultural criado no Seminário. A oferta dos livros, embora os títulos não fossem da área filosófica ou da área teológica, demonstra a importância que se dava às leituras. Em meados de 1920, porém, alguns membros da Academia, entediados com a rotina que, segundo eles «se limitava à leitura de atas e a produzir discursos», resolveram implantar um projeto de crítica literária. O projeto não foi adiante, uma vez que, segundo registro no livro de Atas, a Academia era ainda muito nova e, conseqüentemente, muito imatura nesse sentido.

Em 1921, houve a proposta de um jornal da própria Academia. Ideia abraçada pelos seminaristas Carlos Camélio Costa e Miguel Monteiro. Apesar de o jornal não ter sido encontrado, é possível afirmar, com base nas anotações do livro de registro do Seminário, que era um «jornal» manuscrito, distribuído internamente, com pouco tempo de

¹⁴ SEMINÁRIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS: *Livro de Atas da Academia Literária São Tomás de Aquino (1919-1932)*. Aracaju/Se.

circulação, mas que representou um espaço de fermentação intelectual, haja vista, era um lugar de socialização do conhecimento. Era nas reuniões de editoração dos jornais que os seminaristas expunham suas ideias¹⁵. Uma medida adotada pela Academia foi a «seção de improvisos» nas reuniões ordinárias. Tratava-se de um meio «seguro» de acostumar os jovens levitas às surpresas no campo que lhes estava reservado, quer na vida sacerdotal, quer «no convívio social». Nesta seção, eram escolhidos membros para dissertar sobre um assunto proposto na hora, ação que estimulava o improvisado de dissertações¹⁶.

A construção do discurso, porém, era a principal atividade desempenhada pelos acadêmicos. Era através dele que os seminaristas se preparavam intelectualmente, pois precisavam ler e estudar para escrever e depois falar em público. O discurso foi o melhor método encontrado para ajudá-los no exercício do sacerdócio. Outras atividades também faziam parte do cotidiano da Academia, a exemplo da recitação de poesias, da leitura dos jornais *A Cruzada*, *O Pharol* e *A Palestra*, das críticas literárias dentre outras. Passados os anos, as atividades do grêmio, foram sendo diversificadas com vistas a renovar a Academia. Assim alguns temas foram abordados, a exemplo da Conferência sobre «A filosofia de São Tomás de Aquino» e debates entre alunos acerca de teses filosóficas e teológicas foram organizados, mas apesar dessas iniciativas, a apatia tomava conta dos seminaristas e eles decidiram fazer suas sessões mensais. Isso se deu porque, segundo eles, havia «escassez de assunto» para que as reuniões «fossem menos comuns e mais solenes». No ano de 1925, não mais suportando as faltas, a Academia entrou em declínio, apesar de todas as tentativas de soerguê-la. Dos anos de 1926 a 1930, não foram encontrados registros, o que indica o seu fechamento¹⁷.

Em 1931, porém, ela foi restaurada de modo bastante estimulante. Seguindo o modelo tradicional de Academias, foram criadas cadeiras que, por sua vez, tinham seu patrono e, o acadêmico que quisesse ocupá-la deveria defender uma tese. Foram criadas as cadeiras de Português, Francês, Latim, Filosofia, Teologia, Apologética, Eloquência Sagrada, História Eclesiástica, História Sagrada, História Geral, do Brasil e de Sergipe, Geografia Geral, Corografia de Sergipe, Ciências Físicas e Naturais, Matemática e outras. Estas eram ocupadas facultativamente pelos acadêmicos, mediante teses defendidas em público e julgadas pelos professores do Seminário.

Em 1933, com o fechamento do Curso Maior por ordens da Santa Sé que deixou apenas os Seminários centrais abertos, a Academia não teve outro destino, senão o seu definitivo encerramento. Mas, levando em consideração que as elites

¹⁵ Décadas depois, em 1950, porém, o jornal foi reativado pelo seminarista Claudionor Fontes e passou a chamar-se *O Recreio*. Quando o seminarista foi para o Seminário Maior, o jornal ficou a cargo de outros seminaristas, a exemplo de Manuel Menezes Santana, Francisco de Paula Borges, dentre outros.

¹⁶ ACADEMIA LITERÁRIA SÃO TOMÁS DE AQUINO: *Revista Scientia Et Virtus*. Coletânea Litero-apologética pela Academia São Tomás de Aquino do Seminário Coração de Jesus. Aracaju, Tipografia Comercial, 1933, 184 pp. Vid. p. 13.

¹⁷ SEMINÁRIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS: *Livro de Atas da Academia Literária São Tomás de Aquino (1919-1932)*. Aracaju/Se, p. 91.

intelectuais também se difundem não só pelo seu poder e pela sua influência intrínseca, mas também, pela própria imagem, que o espelho social reflete, a Academia Literária São Tomás de Aquino, apesar do pouco tempo de funcionamento, representou, através de seus produtos, um meio intelectual criado para dar vazão ao capital cultural adquirido e criado no Seminário.

Como resultado dos trabalhos feitos na Academia, foi elaborada uma revista sob o título *Scientia et Virtus*, publicada pela Tipografia Comercial, no ano de 1933, sendo autorizada pelo Bispo Dom José Thomas e pelo Cônego Miguel Monteiro Barbosa, à época, reitor do Seminário, cujos artigos foram de suma importância para compreensão da história do Seminário e dentro dele da Academia Literária. A edição foi composta por dezoito artigos e uma sessão de poesia, todos escritos pelos seminaristas. A revista contou com a apresentação do Bispo e prefácio do Cônego Mário de Miranda Villas-Bôas. A publicação apresenta algumas fotografias do Bispo, de membros da Academia, de alguns padres, um pequeno esboço histórico do Seminário, assim como algumas informações sobre a Academia. Os artigos, por sua vez, apesar de terem um enfoque religioso, apresentam temática variada.

São temas dos artigos: «O Santo padre Pio XI, um dos maiores vultos do século atual», escrito por Eraldo Barbosa; «O Sagrado Coração de Jesus, a Diocese de Aracaju e o seu Bispo», por José Curvelo Soares; «A Grandeza do Sacerdote», por Luis Madureira; «A Eucaristia centro de vida cristã», por Olívio Teixeira; «A Igreja Católica, Apostólica, Romana é divina», por Gileno Francisco de Jesus; «Portae inferi non proevatebunt», por José L. da Costa Meira; «Scientia et Virtus», por Avelar Brandão Vilela; «Bispos e Martires», por Manuel Soares; «Padres e Sábios», por José Dias de Oliveira; «Os grandes Gênios e a Fé Católica», por João Moreira Lima; «A perfeição cristã e a Teologia ascética», por Milton Santana; «A Vocação Sacerdotal», por Luís Gonzaga Passos; «Maria Santíssima, Rainha do Clero», por João Barbosa; «O Ensino Religioso em face da Civilização; e Preito de Saudades», por Nelson do Prado Fontes; «O Clero na História Pátria», por Aurélio do Prado Almeida; «Judicum Judex (Soneto)», por Luís Madureira; «A Missão Sacerdotal», por João Batista Lima; «Salve 4 de Agosto!» (Poesia), por Avelar Brandão Vilela.

Ressalta o Cônego Mário de Miranda Villas-Bôas, no prefácio da edição: «[...] não há aqui obras primas. O que se vai ler não é trabalho de mestres. Primeiros passos, sim. Bosquejos delineados por quem se estreia nos torneios da palavra escrita». Considerando, como o fazia Dom Mário, que a imprensa era o púlpito do Século xx, ele concluiu: «O que ressumbra, porém, da primeira à última linha, é a boa vontade dos jovens levitas, o amor à Santa Igreja e à vocação sacerdotal, o calor na defesa da verdade, o zelo pelo depósito da doutrina, a alegre de seguir a Jesus Cristo»¹⁸.

¹⁸ ACADEMIA LITERÁRIA SÃO TOMÁS DE AQUINO: *Revista Scientia Et Virtus*. Coletânea Litero-apologética pela Academia São Tomás de Aquino do Seminário Coração de Jesus. Aracaju, Tipografia Comercial, 1933, 184 pp.

Por se tratar de uma revista de caráter litero-apologética, grande parte de seus artigos versavam sobre assuntos vinculados à Igreja, abordando, por exemplo, a questão do ensino religioso, a importância clerical na História da Pátria, bem como sonetos, poesias e crônicas. Tal coletânea consta de 184 páginas e mede 22 X 16 cm. Foi estruturada em um modelo de projeto gráfico de modo a chamar a atenção do leitor, com figuras emolduradas, imagens no início do artigo e no final dele, além de barras na parte superior e inferior de cada página, contendo flores e figuras epicodélicas. Não existe um padrão de fonte e tamanho e, por mais que se tente fazer uma análise apurada acerca desse item, talvez, o tipo de fonte aqui mencionada não condiga com a realidade, posto o avanço da tecnologia e as novas versões de software. No entanto, percebemos uma similitude com as fontes *Algerian*, *Arial*, *Brusk*, *Calibri*, *Script*, *Times new roman* e *Verdana*.

Consta no rol dessa coletânea o artigo do Menorista, Eraldo Barbosa, intitulado «O Santo Padre Pio XI, um dos maiores vultos do século atual». O autor inicia seu discurso enaltecendo Roma como a «cidade eterna» e o «pavilhão da imortalidade», caracterizando-a como «[...] o solo ubertoso do arvoredo secularmente vicejante, de estirpe papal [...]» (*Scientia et virtus*, 1933, p. 19). Suas reflexões perpassam desde o «desmoronamento» social e do ateísmo até o legado papal de Pio IX, de Leão XIII, de Pio X, de Bento XV e, sobretudo, da eleição de Achilles Ratti, àquela época Cardeal Arcebispo de Milão, e que fora eleito pontífice romano (1922-1939), o qual adotou o nome de Pio XI. Barbosa faz um apanhado acerca das ações e atuações do Papa Pio XI e acredita ser aquele o «Pontífice Rei» que «salvará a vida econômica, moral e social dos povos» se referindo a ele como a «[...] nova estrela d'alva no concerto dos que se assentam nos tronos firmados na prosperidade e na paz» (*Scientia et virtus*, 1933, p. 21). O seminarista e autor Eraldo Barbosa finaliza seu artigo afirmando também ser o Papa a maior figura do século xx.

O Seminarista e estudante de Filosofia, Luís Madureira, também deixou suas marcas na revista *Scientia Et Virtus*, ao escrever o artigo cujo título é «A grandeza do Sacerdote». Nele o autor externaliza seus sentimentos quanto ao «julgamento» e à «insinceridade humana». Este foi o meio pelo qual Madureira encontrou de difundir suas reflexões. Seu descontentamento se deu em virtude da adjetivação da palavra «Grande» que o homem faz a outro quando este ocupa papel de destaque na história da humanidade. O seminarista faz menção a Alexandre da Macedônia, a Napoleão Bonaparte, a Miguel Ângelo, a Beethoven, a Arquimedes, e de tantos outros que a história consagrou como grandes homens. Ele ressalta em suas palavras que não há a pretensão de «[...] macular a glória desses heróis que a história escreve os nomes reverente e carinhosa» (*Scientia et virtus*, 1933, p. 45). Sua reflexão volta-se para a afirmativa de que «grande» é o Senhor Deus ao falar: «[...] é a esta personagem humilde, esquecida, que bem se enquadra aquele qualitativo – grande» (*Scientia et virtus*, 1933, p. 47). «Só ele é verdadeiramente grande», afirma o autor, Luís Madureira.

Olívio Teixeira, outro Menorista foi o autor do artigo «A eucaristia, centro da vida cristã», o qual foi dedicado ao Apóstolo da Eucaristia na Arquidiocese de Belo Horizonte,

moral»²⁰. Soares salienta a importância de rememorar essa trajetória histórica desses dois bispos por considerá-los «[...] dois vultos da igreja [...]». E, porque neles existiam a fagulha luminosa do heroísmo e a chama rubra do martírio, levemos seus nomes ao panteon das glórias nacionais, às regiões da imortalidade» (*Scientia et virtus*, 1933, p. 97).

O Clérigo Luis G. Passos é o autor do artigo «A vocação Sacerdotal», o qual foi dedicado a Dom Adalberto Sobral que fora consagrado Bispo da Barra, estado da Bahia. Nele, o Clérigo narra com afinco o papel de Jesus, ainda criança, em difundir o Evangelho e edificar o Cristianismo e, por isso, o caracteriza como o «Sacerdote Eterno». Seu objetivo principal foi o de incutir nas pessoas a importância do papel de um sacerdote. Salienta que deveríamos suplicar a «Jesus Mestre Divino» que «[...] nos envie abundantes vocações sacerdotais, nos mande operários briosos, seminaristas, fagueiras esperanças da Igreja de Jesus Cristo» (*Scientia et virtus*, 1933, p. 137). Para ele, os sacerdotes, «incansáveis soldados da milícia celeste», tem a incumbência, através da instituição divina, ou seja, a Igreja, de mediar e semear a palavra de Deus. O autor defende ainda, através de dóceis palavras, que as mães católicas deveriam incentivar seus filhos às vocações sacerdotais, conforme anuncia no trecho: «Mães brasileiras, tomais parte ativa na causa santa, sustentando seminaristas pobres, contribui, com óbulos, orações, afim de que cresça, entre nós, o número das vocações» (*Scientia et virtus*, 1933, p. 140). Desse modo, o autor acredita que a «Terra de Santa Cruz», a nossa pátria amada, futuramente estaria restaurada em Cristo posto a missão evangélica desses catequizadores.

Esses foram alguns dos artigos que compuseram a Revista *Scientia et Virtus*, escritos pelos Seminaristas do Seminário Sagrado Coração de Jesus de Aracaju, estado de Sergipe no Brasil. Sustentada nos pilares ideológicos do cristianismo, a Revista *Scientia et Virtus*, enquanto patrimônio histórico educativo, representou para Sergipe um expoente cultural que colaborou na propagação de uma cultura clerical pois esta propiciou não somente uma instrução eclesiástica, mas também uma base intelectual àqueles que estudaram no referido Seminário. A coletânea, que não teve outras edições senão a aqui analisada, se destacou no Estado de Sergipe, no século xx, pois além de servir de subsídio para que a Igreja difundisse os seus princípios cristãos, revela aspectos do processo de formação dos padres sergipanos que a posteriori assumiram paróquias em diferentes estados brasileiros. O impresso católico também evidencia os temas considerados importantes para a Igreja no período e configura-se como um instrumento por meio do qual os seminaristas materializaram o que era apreendido em sala de aula. Por isso seus artigos devem ser considerados como objetos de investigação, sob três aspectos: como produção intelectual, como suporte material para alargar e fomentar a cultura educacional do Seminário Sagrado Coração de Jesus e como meio de veicular os anseios, as angústias e as reflexões dos seminaristas. Por tais indicadores a Revista *Scientia et Virtus* se constitui um patrimônio histórico e serve a história e a historiografia sergipana brasileira.

²⁰ ACADEMIA LITERÁRIA SÃO TOMÁS DE AQUINO: *Revista Scientia Et Virtus*. Coletânea Litero-apologética pela Academia São Tomás de Aquino do Seminário Coração de Jesus. Aracaju: Tipografia Comercial, (1933), 184 pp. Vid. p. 96.